REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 235

1 DE JULHO 1885

REDACÇAO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

O acontecimento dominante, o da ultima hora, é a falta de agua.

Um cano do Alviella rebentou em Almoster. Foi-se tratando de o concertar, e como nos reservatorios havia agua em abundancia, não se deu pela coisa. Mas, concertado o cano em Almoster, rebentou outro nos Olivaes. Os reservatorios não puderam mais, e a companhia teve que cortar a agua a toda a gente.

E d'ahi, uma falta enorme em todas as casas, um desarranjo completo em toda a cidade, e ao mesmo tempo um S. Martinho para os gallegos.

— Ah! sim! Vocês abandonaramnos, deitaramnos á margem quando a companhia lhes arranjou aguadeiro de casa a cinco réis o barril! Pois agora aguentem-se!

E não se tem ouvido por essas ruas senão dialogos indignados ácerca dos aguadeiros.

Todos os descompõem, mas todos os chamam, porque não teem outro remedio; e o aguadeiro, de mão na ilharga, tem vendido cada barril de agua a dois tostões e a doze vintens, e é para quem quer.

E todos no fim de contas querem, porque todos precisam.

O parlamento já se occupou do assumpto, e o governo prometteu dar providencias para que não torne a acontecer uma d'estas.

A companhia das aguas em tudo isto tem apenas uma culpa: a de não ter ha muito mais tempo feito em Lisboa um grande reservatorio que pudesse fazer face a estes contratempos. Porque no fim de contas é um transtorno gravissimo para o publico esta falta absoluta de agua durante dias consecutivos: obriga-o a despezas consideraveis, de que ninguem o reembolsa.

Ao mesmo tempo que a suppressão da agua chamava todas as attenções para a companhia, alguns jornaes aventavam o juizo de que podem muito bem ser devidas á canalisação das aguas as varias doenças de rins, de figado e de bexiga, que ha annos a esta parte se tornaram vulgarissimas em Lisboa, coincidindo essa epocha com a do novo encanamento das aguas.

Não sabemos o que haverá de verdadeiro, de justo n'esta opinião, mas o que nos parece urgente em todo o caso é que se estude isso a serio, para que, ou não haja perigo, ou não haja receios.

O parlamento occupou-se tambem d'outro assumpto que fez sensação em Lisboa nas ultimas semanas: o titulo de Camillo Castello Branco.

Um dia a noticia appareceu n'um jornal, e ninguem lhe deu importancia.

— Um gracejo! pensaram; questão de encher papel.

D'ahi a dias, com grande espanto de toda a gente, o *Diario do Governo* trazia o decreto agraciando Camillo Castello Branco com o titulo de visconde.

E visconde de quê?

O espanto foi ainda muito maior.

Visconde de Correia Botelho!

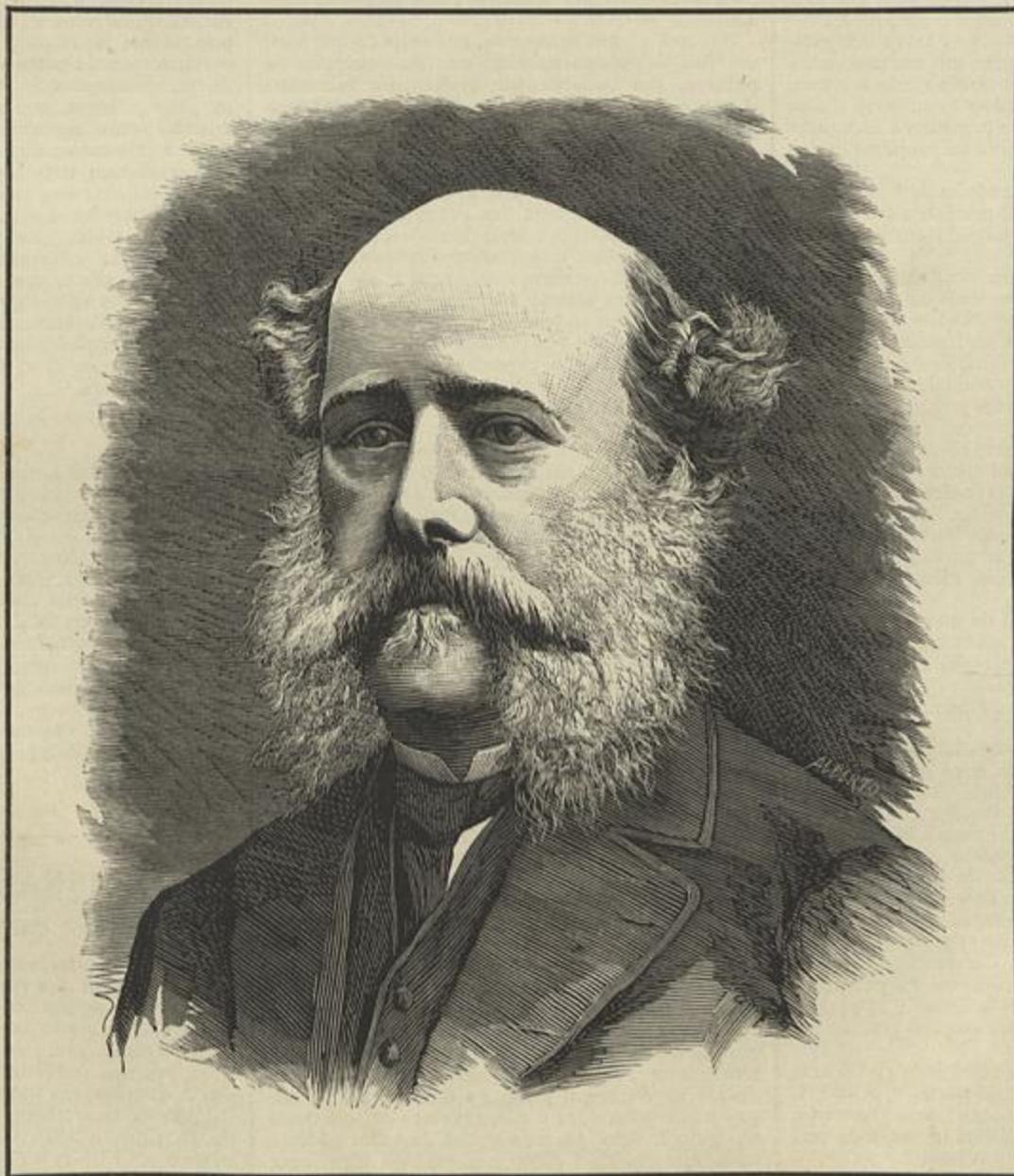
De Correia Botelho? O que quer dizer isto? Então porque não é visconde de Camillo Castello Branco, como o Garrett, como o Castilho, porque no fim de tudo, quando se é um homem como qualquer d'estes tres, a coisa maior de que se pode ser visconde é de si mesmo?

Vão lá sabel-o! Vão lá mesmo saber porque o grande romancista quiz ser visconde!

O parlamento aproveitou habilmente o ensejo de manifestar ao notabilissimo escriptor o apreço em que o tem todo o paiz, a admiração excepcional que se consagra ao seu excepcional talento, e abriu uma excepção nos viscondes portuguezes. Camillo Castello Branco não pagará direitos de mercê do seu titulo.

E é muito bem entendido. O agraciado é que tem que pagar direitos da graça que recebe, e no caso presente o agraciado é o titulo de visconde, e quem fez a graça, foi Camillo, acceitando-o.

E as camaras continuam a funccionar, e os mezes passam, succedem-se, e as camaras sempre abertas, de dia, de noite, a todas as horas, n'uma grande faina de trabalho, n'uma grande ostentação de vitalidade productiva.

E effectivamente n'estes ultimos dias a camara dos deputados tem feito alguma

CONSELHEIRO CARLOS FERREIRA DOS SANTOS SILVA — FALLECIDO A 2 DE JUNHO DE 1885
(Segundo uma photographia)

coisa que se veja, e teem sido votadas umas leis coloniaes importantes.

O mez de julho vem já ahi, e por emquanto não se sabe ainda quando as camaras fecharão.

Ainda ha dias ellas foram prorogadas até 11 de julho, e naturalmente continuam as prorogações até aos banhos do mar.

Os nossos leitores lembram-se decerto ainda de lhe termos falado, ha coisa de um anno, de um advogado muito intelligente que viera da provincia pôr banca em Lisboa, onde as suas aptidões de homem de leis lhe garantiam brilhante futuro — o sr. dr. Reis Turgal.

Pois o anno não passou ainda e já o dr. Turgal começa a dar que falar de si ás chronicas de Lisboa, e dar que falar com elogio para si e com vantagens para aquelles que o escolhem para patrono.

O sr. dr. Reis Turgal foi o advogado d'aquelle allucinado Gonçalves, que n'um momento de desvairamento, cego pela inveja e pelo despeito, matou com uma facada, vibrada em má hora, um seu companheiro, que elle suspeitava de lhe querer tirar o logar, no escriptorio do sr. Salazar, na estação do caminho de ferro de norte e leste.

O dr. Turgal soube tirar todo o partido das circumstancias especialissimas em que o crime foi commettido, soube fazer valer todas as attenuantes que havia em favor do seu cliente, e alcançou-lhe um *veridictum* muito indulgente que se traduziu n'uma sentença de dois annos de prisão, contada desde o dia em que foi preso, isto é, o dia immediato ao do crime, em que elle foi voluntariamente entregar-se á policia que ainda ignorava o crime.

Felicitamos vivamente o nosso illustre amigo e distincto advogado pelo brilhante triumpho que alcançou.

E a proposito do julgamento d'este crime, devemos notar, com muito applauso para a justiça da nossa terra, a transformação que ella, graças a Deus, vae fazendo nos seus usos tradicionaes.

Era velha costumeira na nossa terra um processo não se apromptar para julgamento senão um anno ou mais depois de commettido o crime. Parece que a justiça accordou finalmente d'essa somnolencia em que jazia, e principia a inaugurar uma epoca de actividade nova na preparação dos processos.

O crime da estação do caminho de ferro a que acabamos de nos referir, foi praticado em março, se bem nos lembramos, e julgado em principios de junho.

E uma actividade rarissima na justiça da nossa terra e que nunca nos cansaremos de elogiar.

Com o crime do parto simulado, praticado por uma hespanhola chamada Julia Fernandes, e moradora na Calçada do Combro, deu-se o mesmo caso. O crime praticou-se ha coisa de dois mezes e foi já julgado. A respeito d'este julgamento deu-se um facto curioso.

O crime principal, o de parto simulado, não tem importancia alguma criminal. Primeiro, foi feito sem intenção criminosa, o primeiro requisito indispensavel para haver um crime.

A' hespanhola evidentemente nunca lhe passou pelo espirito que, fingindo um parto para prender mais a si o amante que receiava lhe fugisse, praticava um crime.

A parteira que a auxiliou na mystificação, essa tem mais responsabilidade criminal, não só pela sua edade, e sobretudo pela sua profissão não admittirem ignorancia no que diz respeito a esses crimes, como tambem pelo de *detournement d'enfant*.

Se estão lembrados os nossos leitores, essa parteira, para impingir uma creança ao amante de Julia Fernandes por seu filho, foi buscar uma outra a uma sua freguezа, que lhe entregou um filho recemnascido para levar para a Misericordia.

A parteira em vez de levar a creança para a Santa Casa levou-a para casa de Julia Fernandes, e se por acaso, o amante da hespanhola, que tinha acreditado com uma boa fé rarissima na gravidez da amante, acreditasse tambem no parto, como tudo faria suppor, e como decerto seria se não tivesse havido uma carta anonyma. Se por acaso isso succedesse, vê-se d'aqui o drama e as peripecias imprevistas que d'esse engano podiam resultar.

Mas no fim de contas não resultaram, e foi essa a parte victoriosa da defeza da parteira, feita brilhantemente pelo sr. dr. Centeno: pelo contrario, Deus escreveu direito por linhas tortas, e do mal que a parteira fez só resultou o bem.

A creança que hoje seria uma engeitada se não fosse o crime da parteira, está hoje, graças a elle, n'uma situação regular e legal, vivendo com sua mãe, que obrigada a confessar a sua falta pela publicidade dada ao caso, foi d'ella absolvida por seu pae, que não só perdoou tudo como tambem consentiu em receber em casa a creança.

Por tudo isto, e graças á eloquencia dos dois advogados das tres rés, a hespanhola, uma criada e a parteira, o jury deu por unanimidade não provados nenhum dos crimes.

Pois o juiz, o sr. dr. Tavares, deu esse julgamento por iniquo, e as rés voltaram para a cadeia e serão julgadas novamente.

E parece-nos que fez muito bem, não porque o crime valesse muito, mas porque essa annullação de sentença quer apenas dizer mais uns dias de cadeia, e porque as hesitações do jury na maneira de dar o seu *veredictum*, mostraram que elle não era muito sabedor dos deveres e obrigações dos jurados.

E a respeito de jurados em geral, temos muito que dizer. A instituição do jury é uma grande e santa instituição, mas carece de reformas urgentes.

A chronica vae longa, e n'um dia em que tenhamos mais espaço voltaremos ao assumpto.

Gervasio Lobato.

O conselheiro Carlos Ferreira dos Santos Silva

De entre todos esses para quem o vulgo aponta, quando passam recostados nas suas bellas carruagens, elles, os banqueiros, os ricassos, os aristocratas do dinheiro, nenhum houve que merecesse tanto sel-o e o fosse menos, como o conselheiro Carlos Santos, que uma terrivel enfermidade de coração, acaba de matar. E porque nenhum outro como este reuniu ainda a um grande espirito pratico de negociante, uma intelligencia mais fina, uma illustração mais completa, conhecimentos mais vastos e mais profundos das sciencias economicas.

Não era só um banqueiro, era mais do que isso, era um financeiro na mais elevada accepção da palavra, um collaborador brilhante e talentoso d'esse *Diario* enorme que o *Deve* e *Haver* torna por vezes muito prosaico — n'um prosaismo bem invejavel ainda assim — mas que reclama uma grande somma de trabalho e de intelligencia, *Diario* que póde ter por epilogo o boletim da bolsa, mas que alguma das vezes toma alento e vigor nas transacções mais variadas, mais sérias, mais importantes que constituem o movimento de um mercado inteiro, *rond point* d'essa avenida enorme que se chama a riqueza do paiz e onde vão desembocar todos os caminhos mais diversos do mundo social — a politica e a industria e as artes; — um mundo caprichoso e sensivel, que um boato de guerra abala nos seus mais fortes alicerces e que uma peste destroe até nas raizes mais fundas...

Carlos Santos era um dos vultos mais salientes e mais distinctos d'esse alto mundo da Bolsa. Theorico illustre, seguro da sua sciencia e dos seus planos, foi tambem o que se chama um *pratico*. A sua vida consagrada toda a um trabalho constante, illuminado a um tempo por um fino tacto administrativo e por uma superior intelligencia, é modelo perfeito de actividade e de honradez Muito novo ainda, sahido das bancas da escola afamada de Paris — o collegio da Sacra Familia, que reuniu por tanto tempo nos seus bancos, grupos numerosos de rapazes portuguezes enclausurados alli pelas principaes familias do nosso paiz, durante as luctas civis de 1828 a 1834 — possuindo os conhecimentos elementares de um curso sério, foi ao Brazil encetar a carreira commercial. Recebeu-o ahi um parente na sua casa do Pará, e tão depressa elle se distinguiu pelas suas aptidões, affirmando de uma maneira tão efficaz o seu genio trabalhador, que em breve o admittia como socio.

Tinha boa cabeça, faltava-lhe apenas boa reputação e isso era facil logo que possuia a materia prima.

A grande questão é ter merito, disse-se algures e com profunda verdade, e Carlos Santos possuia-o a valer, e esse merito não se revelava unicamente na administração da casa bancaria importantissima que elle por fim dirigia, revelava-se tambem nas revistas financeiras que a *Correspondencia de Portugal* publicou durante tantos annos e que eram obra d'elle, revelava-se sobretudo no trato intimo, na vida social de todos os dias, onde elle era tido como um espirito superior e um conversador intelligente, cheio de graça e de bom senso.

Por mais de uma vez elle nos deliciou com o seu bello cavaco de homem illustrado e fino, para quem os progressos da alta litteratura não tinham segredos. Impagaveis, as historias que elle contava com um bello humor de rapaz, recheiadas de graça e de peripecias comicas que elle descrevia, a rebentar os rins alheios!

Por isso n'esta dupla phase da sua vida, a de banqueiro e a de homem de sociedade, difficil será conhecer em qual se tornou mais distincto. Elevou-se como negociante aos mais altos cargos do seu meio social, e como homem á mais alta consideração do conceito publico, gosando sempre, quer nas relações commerciaes, quer nas relações particulares, a estima de todos.

E poucos a terão tido com mais direito — essa estima!

* * *

O paiz deve-lhe tambem importantes serviços, porque Carlos Santos não se contentou em ser util a si, aos seus, — era pequena essa honra para elle — quiz ser tambem util á patria e quando no seu caminho encontrava algum ensejo para o conseguir, abraçava-o com enthusiasmo e trabalhava. Assim, o problema africano teve n'elle um dos mais activos propagandistas, e o movimento do commercio com a Africa, que ha annos se operou em Portugal, deve-se-lhe em parte.

Seria longo enunciar aqui todos os cargos que elle exerceu em muitas companhias industriaes, todos os titulos honrosos com que o agraciou o nosso governo, seria longo e seria superfluo, porque a biographia dos homens como elle não se faz nem com a certidão do baptismo nem com a commenda da Conceição. Esses dados guardam-se para os insignificantes, para aquelles que em largos annos, não teem outros dotes gloriosos, do que as datas d'essas mercês obtidas pela amisade de um influente, ou pelo favor de um ministro.

O conselheiro Carlos Santos occupava ultimamente o logar de presidente da Associação Commercial, onde o seu conselho sensato e a sua iniciativa intelligente tiveram sempre influencia preponderante na resolução dos negocios importantissimos que de perto se ligavam com o interesse do nosso commercio. E tão alto o consideravam os seus collegas, que ainda ha pouco, quando a doença punha em sério risco a sua vida, obrigando-o a affastar-se dos seus multipulos affazeres, lhe prestavam uma homenagem merecida, mandando collocar nas salas das sessões da Associação, um retrato d'elle, e dirigindo-lhe uma mensagem honrosissima assignada pelos corpos dirigentes d'essa collectividade. Mas pouco tempo sobreviveu elle a essa honra. Teve-a em vida é verdade, mas como que lhe pezasse essa distincção, pouco usual no nosso paiz, onde a justiça parece feita simplesmente para cadaveres, a morte abreviou-lhe os dias, não lhe permittindo completar 57 annos.

* * *

Uma vez Jules Janin dando uns conselhos a Claretie, disse-lhe:

— Faça tudo, meu amigo, para ter um bom enterro.

Se a phrase do espirituoso escriptor nem sempre é verdadeira, com respeito a Carlos Santos póde ser applicada com justiça.

O seu enterro foi... um bom enterro. Ultima homenagem prestada pelos seus concidadãos a um homem distincto que se elevou pelo trabalho, e que pelo trabalho legou a seus filhos a mais rica herança — um nome, herança preciosissima n'estes tempos que vão correndo em que muitos conseguem apenas deixar — um appellido.

João Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PADRE CARLOS RADEMAKER

Amigos e adversarios eram todos unanimes n'um ponto em que elle, o jesuita Rademaker, era um homem de subida intelligencia, d'alto valor, de vastissima capacidade.

E era realmente, e era tambem um homem honrado, era um convicto e por isso seu adepto ou seu contendor, era forçoso respeital-o e estimal-o.

Filho do conselheiro José Basilio Rademaker, e de D. Carlota João Verdier, Carlos Rademaker nasceu em Lisboa no dia 1 de julho de 1828.

Logo sahido da infancia, Carlos Rademaker foi enviado para o Piemonte para ser educado n'um collegio de padres jesuitas.

Ahi passou a sua mocidade, ahi adquiriu a vasta

e solida illustração que fez d'elle uma das glorias da egreja portugueza.

Sahiu do collegio dos jesuitas para a Universidade de Turim, e quando voltou a Lisboa em 1848, tinha 20 annos e vinha já com seu bacherelato em direito civil e canonico, adquirido em actos brilhantes.

Chegado a Lisboa, Carlos Rademaker declarou a seu pae que queria ser padre.

O conselheiro Rademaker contrariou-se um pouco com isso. Tinha já um filho padre, e pensára em casar Carlos com uma menina filha de um seu amigo muito intimo.

Carlos Rademaker insistiu e no dia 29 de setembro de 1851, celebrava a sua missa nova na egreja dos Inglezinhos.

A sua provada intelligencia a sua variada illustração e o conhecimento profundo da lingua italiana fizeram com que elle fosse logo empregado na nunciatura, primeiro como secretario depois como notario apostolico.

Em 1856, morrendo seu pae do cholera-morbus, o padre Rademaker deixou a nunciatura e herdando uma porção de contos de réis de seu pae, tratou logo de realisar a idéa que de ha muito lhe andava na mente, fundou um collegio para creanças pobres.

Esse collegio foi ao principio no largo da Paschoa, mas dois annos depois mudou-se para Campolide e é hoje o afamado collegio de Campolide, a casa onde ao cabo de largos annos de ausencia o padre Rademaker veio exhalar o ultimo suspiro.

Em 1859 morreu-lhe sua querida mãe. A sua familia desapparecia, arranjou — uma nova — as creanças pobres. Deu-lhes tudo quanto tinha e para lhes augmentar os haveres fez em 1860 e 1861 as celebres conferencias religiosas na egreja da Encarnação de Lisboa, conferencias que figuram entre os nossos modelos de eloquencia sacra moderna.

Em 1862 o padre Rademaker sahiu a viajar pelo extrangeiro.

Esteve em Madrid onde prégou em Castelhano, em Paris, em Marselha e em Roma onde se demorou até 1864. No seu regresso começou a sua carreira de missionario, a phase não menos brilhante da sua gloriosa carreira.

O padre Rademaker, deixou muitas obras religiosas importantes, varias poesias sacras e é pena que não publicasse as suas poesias satyricas, de que nos dizem maravilhas.

Era um homem de muito espirito, de grande jovialidade, um conversador de primeira ordem e não se falava um quarto de hora com elle sem se ficar encantado pelo cavaqueador.

O padre Carlos Rademaker morreu ás duas horas e meia da madrugada de 6 de junho ultimo, no collegio de Campolide que elle fundara.

Paz á sua alma.

RUAS DE SANTO ANTONIO E DOS CLERIGOS NO PORTO

Situadas no coração da cidade, as ruas de Santo Antonio e dos Clerigos são das principaes do Porto pelos estabelecimentos commerciaes, muitos d'elles, importantes, que n'ellas existem.

A prespectiva das duas referidas ruas, que descem ambas para a praça de D. Pedro é de bellissimo effeito pela sua situação.

Ainda não ha muitos annos que a rua dos Clerigos, antiga calçada da Natividade se reduzia a uma simples encosta guarnecida de algumas lojas de misero aspecto.

A de Santo Antonio foi construida para substituir a da Madeira, de transito difficil, e ao longo da qual corre um lanço das velhas muralhas da cidade.

Ao cimo da rua dos Clerigos ergue-se a egreja do mesmo titulo, construida em 1748 pelo architecto italiano Nicolau Maroni.

Foi sagrada em 12 de dezembro de 1779 pelo bispo do Porto D. frei João Raphael de Mendonça.

A torre, cuja construcção terminou em 1763, tem 75 metros de alto.

O estylo tanto d'essa torre como da egreja, é o *rocaille*, cuja ornamentação pesada e por vezes desgraciosa começou a predominar no nosso paiz no seculo XVIII.

AVENIDA DA LIBERDADE

Quando em 1879 a camara municipal de Lisboa inaugurava as obras da avenida da Liberdade pela demolição do velho theatro e praça do Salitre (1), houve muito quem duvidasse que essa obra se tornasse uma realidade e que tivesse um andamento regular, attendendo ás grandes despezas que demandava, pelas expropriações que era preciso fazer-se e pelo grande numero de braços que era mister empregar-se, para a terraplanagem d'aquella enorme estrada.

(1) Veja-se o OCCIDENTE, volume II, paginas 138 e 140.

Effectivamente a obra era tão arrojada para os recursos relativamente escassos do municipio, que se receiava muito pelo seu andamento e, ainda mais, pela sua conclusão.

Uma grande vontade estava, porem, empenhada n'esta empreza, e é de justiça que se diga que essa vontade de ferro, que vencia todas as difficuldades, com uma idea fixa: a de promover todos os melhoramentos da capital tanto quanto fosse possivel, era a do sr. Rosa Araujo, presidente da camara municipal, a quem Lisboa muito deve pelos melhoramentos que sob a sua administração n'ella se tem realisado.

A avenida da Liberdade, que assustava toda a gente, é já hoje um facto consummado, apesar de ainda não estar concluida.

As expropriações mais importantes já de ha muito se fizeram, e o grande quarteirão de predios que formava a praça da Alegria de baixo e o principio da rua do Salitre (1) e a travessa das Vaccas, já desappareceram, deixando em seu logar uma ampla area, por onde já proseguem os trabalhos de terraplanagem, como se póde ver no primeiro plano da nossa gravura.

O Passeio Publico do Rocio, que por tanto tempo resistiu ao camartello municipal, tambem desappareceu (2), deixando logar á entrada triumphante da avenida com toda a sua amplidão, onde ha ar e luz e onde a população de Lisboa já principia a gosar os seus bellos effeitos.

As obras alli por conta da camara estão tomando mais desenvolvimento e a iniciativa particular vae completando o resto, com a construcção de grande numero de predios, alguns dos quaes já esperam pela avenida nas proximidades de Val-do-Pereiro.

A gravura que publicamos dá uma idea do estado das obras, mostrando a grande perspectiva que a avenida já apresenta olhando do norte para o sul.

No volume IV, a paginas 213, publicámos um outro desenho que representa as obras depois das primeiras demolições.

A COLUMNA SOL
PARA A ILLUMINAÇÃO ELECTRICA DE PARIS

O engenheiro civil M. Bourdais apresentou á commissão executiva da grande exposição universal de Paris de 1889, um projecto de uma torre collossal de 300 metros de altura, para ser levantada no Campo de Marte em honra da sciencia.

M. Bourdais concluiu dos seus estudos que a forma cylindrica era a que mais resistia á força dos ventos, como o prova a chaminé mais alta que se conhece, da fabrica de Saint-Rollox, proximo de Glasgow, e assim deu á referida torre a forma cylindrica.

O projecto está concebido da seguinte forma:

O envasamento da torre é formado por um corpo architectonico de 216 pés de altura, construido de pedra e ferro e com grandes galerias destinadas a uma exposição permanente de electricidade; a torre propriamente dita constará de uma columna central de 60 pés de diametro, revestida em toda a sua altura por uma armação de ferro em forma de galerias, e dividida em 6 andares ou pavimentos, destinados a receberem doentes para o tratamento pela aereopathia por successivas graduações.

O remate d'esta nova torre de Babel será uma enorme cupula de ferro sustentada por columnas e terminada por uma arrogante estatua — *O genio da sciencia.*

No recinto limitado pela cupula será collocado um foco electrico da força de dois milhões de lampadas Carcel, que inundará de luz a grande cidade de Paris.

A projectada torre será dez vezes mais alta que o monumento de D. Pedro IV, em Lisboa, ou quatro vezes mais alta que a torre dos Clerigos, no Porto.

Isto tudo não cahirá?

JOÃO AUGUSTO DA GRAÇA BARRETO

(Concluido do n.º 233)

Graça Barreto havia nascido em Lisboa a 17 de março de 1845. Seu pae era um antigo official diplomatico do Archivo Nacional (Torre do Tombo) Manuel José Barreto, homem intelligente e instruido.

(1) Veja-se o OCCIDENTE, volume V, paginas 145.
(2) Veja-se o OCCIDENTE, volume VI, paginas 21 e 116.

Conhecendo as felizes disposições do joven João Augusto, deu-lhe educação conveniente, e para isso na edade propria o fez entrar no Collegio dos Jesuitas em Campolide, que muita gente considera como o melhor de Lisboa. Graça Barreto alli adquiriu solidos conhecimentos, mas não completou um curso de estudos regulares.

Não obstante isso possuia perfeitamente a sua lingua e a latina, conhecia bem a italiana e franceza, regularmente a ingleza, e tinha tambem conhecimento do allemão e grego antigo. A sua instrucção não se limitava ás linguas, conhecia a philosophia, tinha noções scientificas seguras, e profundára a historia, principalmente em certos periodos.

Era muito versado na historia das religiões e das lendas do mundo conhecido, nomeadamente na parte que se relaciona com o nascimento e diffusão do christianismo, nas suas diversas manifestações, schismas, heresias e seitas.

Aos quatorze annos entrou na Imprensa Nacional (1859) onde já se achavam um ou dois de seus irmãos e onde entrou depois o terceiro, que todos são empregados habeis e muito bem conceituados, como merecem.

Travando mais tarde conhecimento com o visconde de Paiva Manso, que dirigira habil e superiormente todos os trabalhos relativos á questão de Lourenço Marques em *Memorias* que são um modelo de sciencia juridica, de conhecimentos e critica historica, não egualados até hoje, entrou por pura dedicação e affeição a ajudal-o nas suas locubrações, auxiliando-o nas publicações officiaes que pelo ministerio da marinha lhe haviam sido encarregadas.

Pelo fallecimento d'aquelle meritissimo jurisconsulto e homem de lettras foi, com o melhor criterio governativo, encarregado Graça Barreto da continuação d'esses trabalhos.

D'aqui resultou essas grandes pesquizas a que o nosso amigo se entregou na Torre do Tombo e outros archivos, e o nascimento d'essa pleiade de projectos de publicações que se originaram no seu espirito, em vista da farta messe de apontamentos, que o cavar n'esses terrenos semi-incultos, lhe havia ministrado.

Publicou porém apenas alguns volumes do *Bularium patronatus Portugaliæ regum in ecclesii Africæ, Asiæ atque Oceaniæ*, e encetou a publicação especial da importantissima obra: *Documenta Historiam Ecclesiæ Habessinorum*, da qual deixou impresso o 2.º vol e em via de publicação e no prélo os 1.º e 3.º, cuja maior parte dos documentos foi por ambos nós conferida.

Para a completa execução d'este grande trabalho historico teve de crear na *Imprensa Nacional* uma officina de composição oriental, de que ao principio foi director e compositor, e depois director (gratuitamente) escolhendo um empregado a quem ensinou e doutrinou; devendo por isso aquelle estabelecimento a Graça Barreto, uma officina que não possuia, e onde já se executaram obras, sob a sua intelligente direcção, que honraram o paiz lá fóra.

Em 1883 foi por concurso nomeado amanuense do Archivo Nacional, Torre do Tombo, deixando então o seu cargo na Imprensa Nacional. Estava alli mais bem collocado, mas a fatalidade não o deixou proseguir.

Deixou egualmente concluida a impressão das *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, manuscripto relativo á historia dos reinados de Affonso VI e D. Pedro II, erradamente attribuido até Graça Barreto, a Fr. Alexandre da Paixão, que elle reconheceu não ser mais que um copista. A maior parte da copia d'esse manuscripto foi por nós dois conferido na Torre do Tombo, antes de ir para a imprensa, e antes de elle ter encontrado a verdadeira copia feita por aquelle frade.

Podem-se ver no vol. 10.º do *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio da Silva, continuado e augmentado pelo nosso amigo sr. Brito Aranha, todos os trabalhos que Barreto tinha projectado, e para os quaes já tinha apontamentos, ou documentos copiados.

Especialisaremos o *Boletim de Bibliographia Portugueza*, mais tarde augmentado tambem com a *Revista dos Archivos Nacionaes*, e publicado de 1880 a 1883, onde se encontram peças preciosas.

Trabalhava de longa data em colligir tudo o que havia relativo a *Damião de Goes* e *Vicente Nogueira*, cujos processos compulsára, o 2.º conjunctamente comnosco, havendo copiado as cartas do 2.º, das quaes uma ou duas, e outras referencias nós haviamos encontrado, trabalhos que deviam dar grande luz sobre a pessoalidade d'esses dois individuos, e sobre a historia litteraria dos periodos em que viveram.

Preparava uma edição critica do catalogo da livraria de musica de D. João IV, expungido de varios erros, sobre que muitas vezes falamos e discutimos algumas duvidas, e encetára a continuação do *Archivo Portuguez Oriental*, começado a publicar em Goa pelo benemerito dr. Cunha Rivara, para o que já havia colligido alguns documentos, nomeadamente cartas da camara de Goa, o qual talvez fique interrompido, porque não é facil apparecer outra tenacidade egual á de Graça Barreto, para se abalançar a tão arduos e enfadonhos trabalhos, que embotam a imaginação, afracam o animo, estragam a vista e arruinam a saude, encurtando a existencia, que se extingue em torturas e soffrimentos crueis, deixando a familia desolada e os amigos em luto como succedeu ao nosso bom, honrado e deveras chorado amigo.

Na dupla qualidade de amigo intimo como elle me distinguia, e de director d'este periodico, que elle algumas vezes honrou com a sua distinctissima collaboração, prestamos a devida, bem que singela, homenagem ao homem intelligente e honestissimo que enriqueceu as lettras patrias, com trabalhos que durarão sempre.

Brito Rebello.

CASTILHO

(Continuado do n.º 228)

VII

Esta grande campanha da invenção, estabelecimento e propagação do *Methodo Portuguez Castilho*, teve origem na Ilha de S. Miguel, como já dissemos, e veio dilatar-se e ferir-se no continente, onde finalmente lançou fundas raizes.

A campanha, porém, foi larga e disputada. Reluctancias de antigos processos, de rotinas contrahidas, e de intelligencias atrophiadas, levantaram por muitas partes travezes, e barreiras. Embalde todas as intelligencias de mais adeantada cultura ladearam o apostolo, o animaram, apoiaram, e combateram por elle.

Ainda vivem muitos d'esses paladinos illustres. E d'essa campanha restam documentos vigorosos, e um pamphleto de Castilho, verrina descabellada, que uma noite, um dos seus amigos e discipulos mais dedicados, Silva Tullio, deante d'elle mesmo, disse, lamentar que elle o houvesse escripto. Perdoemos um desvario momentaneo a quem tanto lidava e suava, por dar o *pão partido em pequeninos aos pequeninos*, aproveitando uma expressão do nosso eloquente Bernardes.

Castilho não só reformou o methodo do ensino, mas queria até reformar a orthographia. N'esse ponto levou a these a um tal exaggero que não poude fazel-a vingar. O fundo da reforma era exacto, era logico, a forma porém da sua execução era de tal disparidade com o existente que levantou grande celeuma.

Em varias conferencias expoz Castilho as suas idéas, e tal era a força da rasão, que as objecções que se lhe apresentavam não tinham valor para lhe resistirem.

Uma d'ellas (citamos só esta) consistia na difficuldade que haveria em entender as palavras homonimas, se se escrevessem da mesma maneira. Esta objecção é, além d'isso, inepta, porque se ha algumas palavras que tendo o mesmo som pronunciadas se escrevem por diverso modo, segun-

Padre Carlos João Rademaker — Fallecido a 6 de junho de 1885
(Segundo uma photographia de Rocchini)

Rua de Santo Antonio e Rua dos Clerigos, no Porto (Segundo uma photographia)

MELHORAMENTOS DE LISBOA

Avenida da Liberdade — Estado actual das obras (Desenho do natural por J. Christino)

do a ethimologia, como *pena* e *penna*, ha outras que se escrevem e pronunciam do mesmo modo tendo significação differente, como *canto* (pedra, angulo de casa ou rua, e entoação da voz), *nora* (engenho de tirar agua, e mulher do filho), *barra* (de rio, de vestido, de metal, ou certa especie de cama). E por isso em uma das conferencias que em Coimbra déra Castilho a este respeito, apresentando não nos lembra que academico a mesma objecção, levantou-se o illustre poeta João de Deus, então e hoje apostolo da instrucção, e disse que concordava perfeitamente com o orador que o precedera, mas para remover essa difficuldade propunha desde já um meio, e era que para o primeiro significado da palavra *barra*, ella se escrevesse como até aqui, para o segundo com trez *rrr*, para o terceiro com quatro, para o quarto com cinco, e terminou a discussão com uma explosão de gargalhadas, que ainda hoje lembram.

Se Castilho tivesse apresentado então a sua idéa com as modestas proporções, com que a tem advogado n'estes ultimos tempos o sr. Barbosa Leão, era muito natural, que a sua auctoridade litteraria a tivesse desde logo feito adoptar. E hoje houvera mais uma conquista a registar no campo da instrucção popular, e um progresso consideravel para a facilidade da educação.

(Continúa) *J. B.*

AURORAS DA INSTRUCÇÃO PELA INICIATIVA PARTICULAR

POR

D. ANTONIO DA COSTA

SEGUNDA EDIÇÃO

(Concluido do n.º 234)

As poucas paginas que o auctor consagra á discripção do asylo da Gandarinha, são tambem significativas, apesar da sua sobriedade.

O contraste entre a elevada posição social da fundadora, e a actividade de espirito da illustre dama, que a seu cargo tomou a christã empreza de acudir ao desvalimento da infancia, está posto em relevo pelo auctor das *Auroras da Instrucção* com a reverente admiração que a virtude inspira, principalmente quando se dedica a beneficiar aquelles que entram na vida desherdados do conchego do lar domestico.

No capitulo XI, do livro que temos presente, espraia-se o auctor em bem merecidos louvores á administração da Casa Pia de Belem, com relação á época em que fôra confiada a sua superintendencia á esclarecida directoria do finado par do reino, José Maria Eugenio d'Almeida.

Não nos deteremos em esmiuçar os brilhantissimos resultados que a Casa Pia tem dado de si nos ultimos annos. Esses resultados comprovam-os as estatisticas dos seus alumnos, examinados com distincção no Lyceu de Lisboa. Demonstra-os os triumphos da hygiene no desenvolvimento physico das creanças, e como consequendia natural, sobre a intellectualidade dos orphãos, amparados no seu desvalimento pela protecção do Estado, intelligentemente auxiliada e comprehendida pela direcção da Casa Pia de Lisboa.

Homem de boa consciencia, e como tal desprendido e liberto de preoccupações, eis como o sr. D. Antonio da Costa aprecia em breves linhas a influencia do finado José Maria Eugenio d'Almeida na administração do estabelecimento confiado á sua illustrada administração: «*Havia cinco annos que fôra dado á terra o cadaver de um homem que fôra par do reino, conselheiro d'estado, e que não teve pasta nenhuma sob a sua direcção, por que a não quizera nunca, mas um par e conselheiro d'estado que entendia ser a instrucção primaria um pouco mais do que lêr mal depois de uns poucos de annos, escrever peior no dobro d'elles, e morrer o infeliz de tisica ou de ophtalmia no meio da cruzada pavorosa. Entendeu esta loucura aquelle estadista José Maria Eugenio d'Almeida. É que elle tinha tido a innocencia, em vez de salvar a patria, de salvar o seu nome para a posteridade, onde chege unicamente a fama comprovada.*»

Os emprehendimentos de ordem moral, physica e intellectual, do antigo provedor da Casa Pia, teem sido respeitados por seu filho, que actualmente dirige aquelle importante e humanitario estabelecimento de caridade.

A iniciativa particular, pouco arrojada no nosso paiz, tem tido não obstante honrosissimas excepções, especialmente com relação á instrucção popular. O sr. D. Antonio da Costa põe patrioticamente em evidencia todos esses esforços, sem se esquecer dos que tambem lhes deve a infancia na creação de asylos, e creches, e de outras instituições egualmente benemeritas.

Veda-nos o espaço de que podemos dispôr transcrever os innumeros trechos do livro *Auroras da Instrucção*, que se recommendam ao leitor pelo castigado da phrase, pela elevação das idéas, pela opportunidade do conselho, do louvor, e das esperanças que desabrocham nas suas paginas, alheias á malquerenças, exhalando evangelicos perfumes.

Ha no livro do sr. D. Antonio da Costa alguns episodios romanescos, que não destoam da indole especial, nem do fim elevado a que o seu auctor o destinou.

N'este caso estão algumas aprimoradas discripções de nobres virtudes, de si proprias envergonhadas, a que o auctor não quiz regatear os merecidos applausos, expondo-as á luz da publicidade, para estimulo de novas acções, dignas de serem archivadas na memoria dos homens.

Com o titulo de, *Gloria a Portugal*, revindica o sr. D. Antonio da Costa para o nosso paiz a iniciativa embora só theorica, do moderno systema penitenciario, attribuido geralmente aos quakers, e posto em pratica pela primeira vez na Pensylvania em 1786.

Ao portuguez Felix Machado da Costa, hoje representado pela casa dos condes da Figueira, se deve, desde o seculo XVII, o pensamento inicial das prisões, hoje tão divulgadas pela Europa.

No livro que Felix Machado deixou inedito, e se intitula *Theatro de politica moral*, veem indicado o systema penitenciario, e proclamado, embora ainda em embrião, o philosophico e humanitario axioma da inviolalidade da vida humana.

Para que se não duvide da verdade de uma asserção, que a muitos parecerá aventurosa, transcreveremos o que escreveu o velho criminalista portuguez no capitulo VIII do seu livro: «*Seria um perfeito remedio*, escreve, *o constituir-se nas grandes povoações, entre muralhas altas e seguras, uma prisão perpetua, onde, com o seu suor e trabalho em differentes officios, ganhassem os presos o seu sustento, que é dilatada morte ao preguiçoso obrigal-o ao trabalho: e estes exemplos vivos, emenda dos criminosos, e espelho para todos os que vêem.*»

A doutrina não podia ser mais claramente exposta em these, nem mais resolutamente apresentada, em um seculo de tão pronunciada rotina, e desamor ao proximo, como foi o seculo XVII.

O capitulo ultimo do livro do sr. D. Antonio da Costa intitula-se: *O que nos falta na iniciativa particular*. Que deficit ainda no orçamento intellectual do paiz! Que immensas lacunas a prehencher, na vasta lista das necessidades intellectuaes, não satisfeitas, que a sociedade portugueza ainda reclama! E depois, que contraste, que desconsoladora approximação entre o que em Portugal se vae fazendo, e o que já se pratica em Inglaterra, na Allemanha, na França, por intervenção da iniciativa particular!

Falta-nos o animo para reproduzir aqui a relação do muito que o paiz ainda espera, quer dos governos, quer dos particulares, desde os risonhos *jardins de infancia*, até á protecção e educação dos moços criminosos: desde o ensino complementar, até aos *orphanados agricolas!*

Não nos podemos alongar mais na analyse do livro do sr. D. Antonio da Costa, mas, o que deixamos exposto, é quanto basta para se poder avaliar da sua importancia litteraria, e de seu vasto alcance humanitario.

L. A. Palmeirim.

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 234)

II

De como os ladrões se julgam roubados

Olhou de uma maneira assustada em redor de si e pareceu-lhe enxergar, lá ao longe, n'uma volta da rua, uns vultos suspeitos.

Seriam elles?

De facto não se enganára.

Já o tinham visto e seria impossivel fugir-lhes. Imagine-se da anciedade com que o deviam aguardar, esperando recolher o preço da arriscada empreza, em que estavam interessados.

Cada um d'elles imaginava ter alli a sua independencia e se o vissem fugir atirariam sobre elle como o lobo.

Deteve-se um momento a pensar n'isto.

Allucinação desapparecera para dar logar á reflexão.

Era preciso vencer ainda esta nova difficuldade, illudir aquelles quatro homens que se haviam constituido a um tempo seus juizes e seus cumplices.

Mas de que maneira?

Olhou em redor de si, como quem procura conhecer o terreno que pisa.

Estava inteiramente só.

A escuridão da noite protegia-o.

Cá fóra, ao ar livre da rua, era-lhe uma escuridão amiga, não tinha para elle esse vago sinistro e assustador, com que momentos antes luctára lá dentro, na egreja, em allucinações invenciveis e calafrios mortaes.

Não.

Parecia agora sorrir-lhe como uma esperança, estender-lhe os seus braços protectores como um amigo.

Encostou-se ás musgosas paredes humedecidas que revestiam o exterior do velho templo e foi caminhando assim com muitas precauções prudentes.

Ia-lhe no espirito uma idéa salvadora!

Instantes depois parou de subito.

Na sua frente agglomerava-se uma grande porção de pedras postas para alli a esmo, umas sobre outras.

Abaixou-se um pouco para as contemplar mais de perto e ficou-se um momento a olhar para ellas, cubiçoso como se alli estivesse a sua fortuna e cada uma d'essas pedras representasse um diamante valioso.

Na face esqualida batia-lhe a chuva meudinha, mas estava-se consolando com aquella frescura da agua, que parecia applacar-lhe os ardores febris que o minavam lá por dentro, entre duvidas inquietadoras e receios temerosos.

Depois abaixou-se rapidamente e poz-se a agarrar de um modo nervoso uma porção d'essas pedras, guardando tudo ao acaso na mesma toalha em que trazia as particulas!!!

Feito isto, ergueu-se rapidamente, experimentando uma certa satisfação animal, alargou muito as fossas nasaes, de um modo desmesurado e escancarando a bocca enorme soltou um ai profundo.

Depois de tão apertadas inquietações, era emfim a primeira vez que respirava livre, á vontade, sem receio que o ar o atraiçoasse!

Os quatro homens que o esperavam, iam se entretanto aproximando.

Quando já estavam a pouca distancia, um d'elles perguntou:

— És tu, ó Frade?

— Sou eu, respondeu elle, dando por aquelle titulo de frade, que era o seu nome de guerra.

— Safa que está um tempo dos diabos.

— Toma lá para aqueceres

E deu lhe a trouxa que trazia, ajuntando:

— Agrada-te?

— Pesa como chumbo!

— É para que vejas que não fui lá para olhar para as paredes.

— Demoraste-te bastante.

— Demorei, mas não perdemos o tempo.

Ao companheiro brilharam os olhos de cubiça.

— Cuidei que ficavas por lá, ou que te havia levado o diabo, exclamou elle, dissimulando o seu contentamento.

— É preciso mais alguma cousa?

— Quê? não vens com a gente!?

— Não. Esperem-me ao Poço de entre as Hortas que lá vou ter.

— Bem.

Os dois homens separaram-se.

O Frade desappareceu em um momento, favorecido pela escuridão da noite.

O outro disse lá com os seus botões:

— Leva o diabo no corpo...

E foi juntar-se aos companheiros, que se conservavam a distancia á espera d'elle.

— E então? perguntaram todos a um tempo, mal se lhes aproximou.

— Olhem, disse-lhes elle, apresentando a trouxa das pedras. Tome-a um de vocês que eu já não posso.

— Tudo isto será prata?

— Prata e ouro.

E como houvesse curiosidade d'alli mesmo passarem a exame mais detido, observou-lhes:

— O primeiro que ahi bulir, commigo se ha de haver.

A FUNDAÇÃO DE SKADRA

(LENDA)

Tres irmãos reuniram-se para edificar uma fortaleza, tres irmãos, os irmãos Moljarchevich. O rei o governador Vukashin era o mais velho, o segundo era Ugleshavoivode, e o terceiro, o mais novo, chamava-se Goiko. Tres annos inteiros trabalharam na fortaleza de Skadra sobre o rio Bojana, tres annos inteiros trezentos operarios trabalharam. Mas foi em vão que tentaram assentar os alicerces dos muros, mais em vão ainda levantar a fortaleza: tudo o que os operarios faziam durante a noite era arrasado pelo Vela antes de romper o dia.

Quando no quarto anno, recomeçaram os trabalhos o Vela da montanha, o Vela da floresta gritou-lhe:

— São baldados os teus esforços rei Vukashin! Prodigalisas em vão todas as tuas riquezas! nunca, nunca edificarás a fortaleza se não encontrares duas creaturas do mesmo nome, se não encontrares Stojan e Stojana, e essas duas creaturas, esses dois geneos unidos, devem ser emparedados nos alicerces. Só então esses alicerces tomarão consistencia, só então poderás levantar a tua fortaleza.

Quando Vukashin ouvio o que lhe dizia Vela, chamou Desserner, seu servo.

— Ouve, Desserner, meu bom servo. A datar d'este dia serás meu filho. Atrela os meus melhores cavallos ao meu carro, enche-o de ouro, percorre do principio ao fim o grande e vasto mundo, e traz-me esses dois seres que teem o mesmo nome, esses dois geneos tão unidos. Traz-me aqui Stojan e Stojana: rapta-os, se com o ouro não os puderes comprar. Tral-os aqui a Skadra, sobre o Bojano. Enterral-os hemos nos alicerces, e depois edificaremos a fortaleza de Skadra.

Desserner obedeceu ás ordens de seu amo. Tres annos inteiros procurou em vão pelo grande e vasto mundo, Stojan e Stojana: em nenhuma parte os encontrava.

Então voltou á pressa junto de seu senhor:

— Aqui tens, meu soberano, os teus cavallos, o teu carro, e o teu ouro: em parte alguma poude encontrar essas duas creaturas com o mesmo nome, em parte alguma descobri Stojan e Stojana.

Vukashin despediu o seu servo e chamou o seu architecto Rado. Rado chamou os seus trezentos operarios e edificaram Skadra sobre o Bojana. Mas de noite a noite, o Vela arrasou tudo o que elles tinham feito: debalde tentaram construir a fortaleza de Skadra; e o Vela da montanha gritou-lhe:

—Vukashin, ouve! escuta-me! tu gastas as tuas riquezas, e perdes o teu tempo. Em vão procuras formar os alicerces, em vão tentas levantar a fortaleza! Ouve-me bem agora! sois tres irmãos! cada um de vós possue uma mulher fiel! Que aquella que vier amanhã á Bojana, aquella que trouxer a comida aos operarios, seja enterrada nos alicerces: só então poderás erigir a fortaleza de Bojana.

Quando o rei Vukashin ouviu o Vela, chamou logo seus irmãos.

— Ouçam-me bem, meus irmãos; ouçam bem as minhas palavras. Do alto da collina da floresta o Vela disse-me que não deviamos continuar a gastar as nossas riquezas em vãos esforços para edificar a fortaleza sobre uns alicerces moveis e pouco seguros; e o Vela da floresta, da montanha, disse-me tambem:

— Cada um de vós possue uma esposa fiel, que aquella que vier ámanhã trazer a comida aos operarios, seja enterrada nos alicerces, e a fortaleza de Bojana será edificada. Agora, meus irmãos, juremos aqui, na presença de Deus, guardar este terrivel segredo: deixemos ao acaso o decidir qual será ámanhã a primeira a dirigir-se ao Skadra.

E cada um dos irmãos jurou na presença de Deus esconder a sua mulher o terrivel segredo.

Quando a noite desceu do ceu, cada um voltou a sua branca habitação, e deitou-se na sua cama para descançar.

Então passou-se uma coisa extranha. Primeiro, Vukashin pisou aos pés o juramento e disse baixinho a sua mulher:

— Ouve lá, minha fiel esposa. Não vás ámanhã a Bojana: não leves a comida aos operarios. Se ahi fores, minha querida, isso custar-te-ha a vida; serás enterrada nos alicerces da fortaleza.

Uglishavoivode pisou tambem aos pés o seu segredo e disse a sua mulher:

— Não te entregues ao perigo, meu caro amor; não vás ámanhã a Bojana! não leves a comida aos operarios, senão serás enterr da nos alicerces!

Fiel ao seu juramento o joven Goiko não disse uma palavra de advertencia a sua mulher querida.

No dia immediato, apenas rompeu a alva, os tres irmãos levantaram-se e dirigiram-se, segundo o costume, a Bojana.

Vede agora duas jovens e nobres mulheres, duas cunhadas, as irmãs mais velhas. Uma traz a sua tela de uma brancura de neve para a expor uma vez ainda ao sol de verão: estende-a onde estão as outras telas, mas não dá um passo mais. Depois vem a segunda com uma amphora de barro, enche-a no regato, conversa com outras mulheres e não avança um passo sequer.

A joven esposa de Goiko vem mais tarde. Tem uma filhinha de mama ainda. Diz á velha mãe:

— Fica tu em casa, mãe, embala o pequeno, e eu propria irei levar a comida aos operarios de Skadra.

E acompanhado com as suas servas, foi-se a caminho. Quando chegaram ao rio de Bojana, Goiko viu-os e com o coração dilacerado lançou-se ao pescoço de sua mulher, passou-lhe o seu robusto braço á roda da cintura, beijou mil vezes a sua fronte de neve e lagrimas ardentes cahiam rapidamente dos seus olhos:

— Oh! mulher! minha querida! doçuras do meu coração! nunca pensaste em morrer? Porque deixaste o nosso filhinho? Quem cuidará d'elle na tua ausencia? Quem apresentará o peito nú aos seus labios vermelhos?

E muito mais quereria dizer: mas o rei não o deixou. Vukashin, pegou na branca mão da juvenil mãe, chamou Rado, o architecto e este chamou os seus trezentos operarios.

Mas a juvenil mãe sorriu: imaginou que era um brinquedo. Os trezentos operarios agrupados em torno d'ella amontoam pedras sobre pedras: e essas pedras cobrem-n'a já até á cintura. E cada vez subiam mais alto as pedras.

A desgraçada comprehendeu então a sorte que lhe preparavam: soltou gritos dilacerantes, no seu desespero, na sua dôr implorava os irmãos de seu marido.

Mas foram baldadas as suas supplicas, e seus irmãos afastaram-se sem lhe responder.

A vergonha e o temor succederam as suas lamentações, e invocou humildemente seu marido:

— É possivel, meu senhor e amo, que tão nova me queiras deixar morrer! Vamos buscar minha velha mãe. Ella é rica e comprará um escravo para ser enterrado em meu lugar.

Quando a esposa-mãe... a pobre esposa, a pobre mãe, comprehendeu que não eram ouvidas nem as suas lamentações nem as suas preces, dirigiu-se ao architecto Rado.

— Em nome de Deus, irmão Rado, deixa uma janella para o meu seio branco, que elle possa palpitar em liberdade. Quando o meu pequeno Javo, que não sabe ainda falar, vier ter comigo, oh! quando elle vier que possa mamar no meu seio!

Rado ordenou aos operarios que lhe obedecessem, que lhe deixassem uma janella para o seu seio branco, para que quando o pequeno Jovo viesse, pudesse amamentar-se no peito de sua mãe.

Ella gritou, ainda mais uma vez a Rado.

— Irmão Rado! Em nome de Deus deixa para os meus olhos uma pequena janella: que eu possa ver a nossa branca casa, que eu possa ver o meu pequeno Javo, quando m'o trouxerem, e a noite quando o levarem para casa.

Rado ordenou aos operarios que lhe obedecessem, que deixassem uma pequena janella para que os seus olhos brilhantes podessem ver o seu pequeno Javo...

E elles edificaram o muro pesado em torno d'ella, depois trouxeram a creança no seu barco, e durante longo tempo, longo tempo, ella mamou no seio de sua mãe.

E a voz da juvenil mulher enfraquecera pouco a pouco, depois calou-se... Mas o rio de leite correu...

E accrescentou:

— A gente vae reunir-se no Poço entre as Hortas.

Dito isto a um gesto seu, cada qual se poz em movimento, dispersando para seu lado.

Estavam todos embuçados, de maneira que muito difficilmente seriam reconhecidos, ainda que tivessem algum mau encontro.

Por um d'esses acasos felizes, que de certo modo se explicava em razão de ser aquella uma tormentosa noite, não encontraram no precurso de Santa Engracia ao Poço d'entre as Hortas uma unica ronda de chuços, nem um brigão nocturno, nem um ebrio pimpão, nem ainda o que é mais para pasmar, desgarrado da quadrilha, algum dos muitos collegas que então infestavam a velha cidade, pondo em grave risco a vida e fazenda dos fieis subditos de sua magestade catholica, o rei Filippe de todas as Hespanhas.

A tal ponto os favorecia a tormenta!

Elles sentiam-se debaixo d'ella, alagados, tiritando de frio, açoitados de um modo inclemente, pelas fortes rajadas de um vento sibilante, que cortava como as navalhas, e achavam-se bem, nada extranhos, sem um queixa, nem uma protesto.

Era andar para a frente.

O Poço d'entre as Hortas tornára-se conhecido por valhacouto de vadios e de ladrões.

Quem alli passasse a qualquer hora da noite, sem deixar a bolsa ou distribuir algumas fortes cutiladas de infundir respeito, podia dar-se por feliz.

Situado no extremo da cidade, no recanto da azinhaga solitaria, provinha-lhe o nome de duas hortas que alli havia.

Fôra ahi que o *Frade* dissera aos companheiros que o esperassem, e era ahi que elles faziam as suas reuniões nocturnas, n'uma pequena casa subterranea, por debaixo de um velho pardieiro abandonado, que parecia ter servido de arribana de gado.

Quasi a um tempo, os quatro companheiros da noite se encontraram no ponto ajustado.

Á proporção que iam apparecendo, soltavam um assobio prolongado e desappareciam por entre as ruinas da casa abandonada.

Uma pequena porta quasi obstruida por successivas derrocadas, se abria para os receber na casa subterranea.

Ahi podiam elles considerar-se inteiramente seguros e a coberto de qualquer curioso indiscreto, em vista da má fama do sitio e da tradição acceite na visinhança a respeito do velho pardieiro, onde corria por certo que a deshoras da noite appareciam almas do outro mundo e se ouviam vozes subterraneas e tripudios de cousa má.

Graças a estas invenções supersticiosas do povo, tinham elles casa de graça, cuja posse ninguem iria disputar-lhes e bastaria para defendel-a, darem um pequeno passeio ao longo da azinhaga embrulhados n'um simples lençol.

Os quatro companheiros da noite, apenas reunidos, tiveram a um tempo a mesma pergunta:

— Então aonde está o *Frade?*

— Esperemos, disse uma voz.

Era dos quatro o mais auctorisado.

Tinha sido elle o que em Santa Engracia se havia adiantado para falar ao *Frade,* quando o viu sair da egreja.

Era um homem robusto, de olhar penetrante e vivo e de uma grande sagacidade, que se traduzia no jogo physionomico e no gesto aberto.

Nenhum d'elles se atreveria a discutir uma ordem sua, nem era homem que se deixasse contrariar por qualquer, impunemente.

Chamavam-lhe o *Trovão.*

— Vamos a saber, o *Frade* não apparece, perguntou elle afinal por sua vez tambem, depois de haver esperado mais que do costume.

— Daria comsigo n'algum atoleiro? observou d'alli um d'elles a medo, de certo modo respeitoso.

— Que o levasse o diabo, melhor quinhão nos ficava. Já me vae parecendo historia. Quando vier cá se encontrará. A gente não é seu criado.

Feitos estes raciocinios, voltou-se para o que trouxera a trouxa, e disse-lhe com o imperio de quem dá uma ordem:

— O *Mata-Judeus,* deixa lá ver o que trazes ahi, Acercaram-se todos.

Veio a trouxa para o meio da casa, mas estava atada de tal maneira e com tantas voltas, que o *Mata-Judeus* não poude logo corresponder á curiosa impaciencia dos companheiros.

Elle puxava com as suas grossas mãos as laçadas da corda, ajudava-se n'essa faina com os dentes, mas não tirava melhor partido.

— Corta isso com a tua faca, lembrou o *Trovão.*

Este alvitre foi acceite e posto em pratica immediatamente.

Cortadas as cordas o encanto quebrou-se, mostrando a todos o logro em que haviam caido.

— Que trazes tu ahi, mariola? rugiu como um possesso o implacavel *Trovão.*

E de um pulo acercou-se do *Mata-Judeus,* que suspendeu entre as suas mãos vigorosas, como se fôra um manequim.

Ao assombro que por momentos deixou aquelles homens como estaticos, seguiu-se um murmurio insistente de desespero.

O caso tambem não era para menos.

Os sonhados thesouros, em cuja posse se consideravam já, haviam-se transformado afinal, sem que elles conhecessem porque singular circumstancia, — em simples pedras de calçada!!!

(Continúa)

Leite Bastos.

ria sempre e amamentava a creança. Durante um anno inteiro ella se conservou suspensa ao seio... e o leite corria... e corre ainda... e conservou a sua virtude. Quando o leite secca nas mães, ellas vem aqui para fazer calar seus filhos que choram.

Slhephanowstoch.

RESENHA NOTICIOSA

Gordon. Alguns periodicos extrangeiros tem dado curso á noticia de que este tão falado general inglez, não foi morto, quando Karthum foi entregue ás forças do Mahdi.

Crises ministeriaes. Foram tres quasi simultaneas. Em Inglaterra, resolvendo-se pelo chamamento dos *torys* conservadores, tendo lord Salisbury formado ministerio, com a promessa de Gladstone, chefe dos *whigs* liberaes, de não o guerrearem estes nas questões pendentes. Comtudo as camaras foram suspensas até 11 do corrente. Em Hespanha foi uma tempestade em um copo d'agua, continuando o ministerio presidido pelo sr. Canovas del Castilho; ultimamente dizia-se que este illustre estadista tivera nova conferencia com o rei Affonso a respeito de modificação ministerial. Em Italia a crise parece serenar-se, o venerando Depretis, que era o presidente do conselho, ficou encarregado de effectuar a conveniente modificação ministerial, parecendo que esta consistirá unicamente na substituição do sr. Mancini, ministro dos negocios extrangeiros, pelo sr. Cardona.

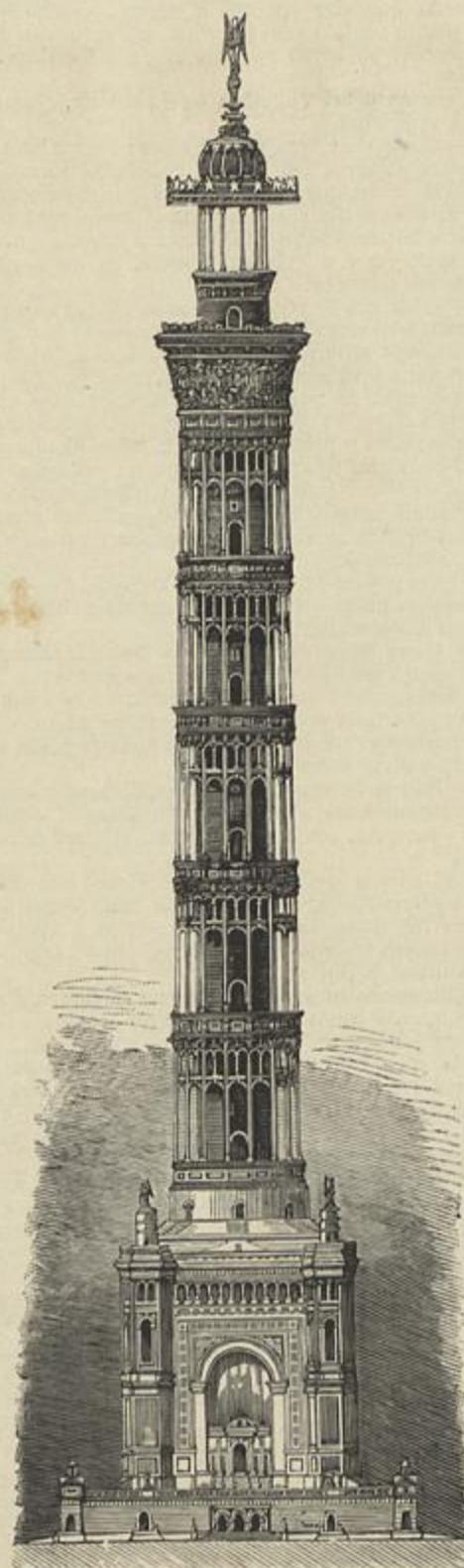
Fallecimento. Na edade de 75 annos morreu a princeza Carolina, tia do principe Leopoldo de Hohenzollern, casado com a sr.ª infanta D. Antonia, irmã d'el-rei o sr. D. Luiz. A princeza fôra casada em primeiras nupcias com o principe Frederico de Hohenzollern-Hechingen, e em segundas com um official superior austriaco.

O maior navio mercante francez. Foi ha pouco lançado á agua em Saint Nazaire, porto de França, o maior navio que tem sido construido nos estaleiros francezes, é o *Champagne*, destinado á carreira entre o Havre e New-York. Tem de comprimento 150 metros, largura 15,70, e com uma carga media precisa 7,30 de agua. A capacidade dos porões para mercadorias é de 2:200 metros cubicos, e a dos paioes de 1:900, para carvão. Tem um porão duplo que póde conter 650 pipas de agua para lastro. A machina terá a força de 8:000 cavallos. Tem quatro cobertas completas com o jogo de popa á proa, tombadilho á ré, e uns alpendres *(koofs)* munidos de cobertas para passeio ao centro, com passagens volantes. Tem quatro mastros dos quaes os dois d'avante serão fornecidos de velas quadradas.

Conflicto. O general Boulanger que commanda em Tunis, não querendo estar sob as ordens do residente francez, pediu ao ministerio da guerra para ser collocado na disponibilidade. Mais cedo ou mais tarde, como succedeu na Argelia, o governo terá necessidade de entregar a auctoridade superior a um militar.

Movimento mussulmano. Lemos em alguns periodicos francezes que todas as cartas chegadas d'Africa dizem que se accentuam os symptomas de uma grande insurreição mussulmana. D'este movimento já nós davamos a primeira indicação no artigo o *Imperio de Marrocos*, nos nossos VI e VII volume.

Cavallo-Blondin. Dizem algumas folhas que os parisienses estão presenceando ha algum tempo, o mais extraordinario dos espectaculos. É o cavallo Blondin, guiado pelo seu cavalleiro Corradini, o qual atravessa por cima de uma corda lançada atravez do circo, como o faria o celebre equilibrista de quem tem o nome ou a Spelterini.

Canhão singular. A França enviou já, ou ia enviar para a exposição de Antuerpia o seu canhão monstro, obra prima de artilheria, da construcção do coronel Bange, da engenheria franceza. O canhão não é tão monstruoso como os de Krupp e Armstrong, mas tem um alcance de 18 kilometros, ao passo que aquelles apenas attingem o de 10 a 11 kilometros. Tem de comprimento 11m,20, o diametro exterior na culatra é 1m,04; collocado sobre o reparo excede a altura de um primeiro andar. O projectil é de forma oblonga e bate sempre de ponta, por maior que seja o angulo da queda; tem este 1m,27 de altura, pesa 600 kilos e póde conter 40 kilos de polvora. Levou um anno a construir e custará completo de 7:000 a 8:000 fr., 1:300$000 a 1:500$000, ao passo que o de Krupp custa o dobro e o de Armstrong uma somma fabulosa. No concurso aberto em Belgrado pelo governo servio, o jury por unanimidade declarou superior o canhão Bange que disparou trinta tiros em 22 minutos sem a menor difficuldade ou alteração, ao passo que o de Armstrong ficou fóra de serviço e o de Krupp ao vigessimo tiro teve que ser banhado com o oleo e só funccionava com muito custo.

A columna Sol — Projecto de torre para a illuminação de Paris

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Paraiso Perdido, por Milton, poema epico em doze cantos, com illustrações de Gustavo Doré, traducção em verso portuguez pelo dr. Antonio José de Lima Leitão, revisto, prefaciado, annotado e ampliado com a biographia do poeta e a analyse do poema, por Xavier da Cunha, David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo 30, com que conclue a obra, sendo as dezeseis paginas d'este fasciculo dedicadas á biographia do poeta e analyse do poema, pelo sr. dr. Xavier da Cunha, que tambem prefaciou e reveu a presente edição. Na analyse do poema reune o sr. dr. Xavier da Cunha, á sua conceituosa e elevada critica, grande profusão de noticias curiosas sobre o mesmo, dando relação das differentes traducções em portuguez, assim como da opinião de varios auctores sobre o poema. É um trabalho consciencioso e bem procurado, que não desmerece da magnitude do assumpto, provando sobejamente a competencia do seu auctor.

Grande diccionario contemporaneo frncez-portuguez e portuguez-francez, pelo professor Domingos de Azevedo, publicado com a approvação e sob os auspicios de Victor Hugo, revisto pelo ex.mo sr. Luiz Filippe Leite, vice-reitor do lyceu nacional de Lisboa, Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. As folhas publicadas d'este diccionario, que são onze, dão já uma idea bastante favoravel da obra, que promette ser completa, o que é muito significativo no meio da alluvião de diccionarios que nos ultimos tempos se tem publicado. Sem exuberancias, prejudiciaes n'um livro que tem que attender ao volume pela sua constante manuseação, este diccionario, a avaliarmos pela lettra A, que já acabou, é dos mais completos que conhecemos. Superior a todas as recommendações que d'elle fizessemos aos nossos leitores, está o juizo do grande mestre, que não duvidou dispensar-lhe a sua approvação, o que dá ao *Grande diccionario contemporaneo* os foros de livro de primeira ordem, fazendo-o preferir a outro qualquer, e tanto mais quanto o seu preço é relativamente barato.

O Sonho de Camões, poema posthumo por Ernesto Pinto d'Almeida. Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª, editores, Porto Um livrinho de 69 paginas em 8.º, luxuosamente impresso. A critica d'este livro resume-se n'estas poucas palavras: é um livro de verdadeiros versos, como poucos ahi se vêem, o que nos faz lamentar a morte do seu auctor, que era um poeta de raça, expontaneo e levantado, honrando a lingua de Camões.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Com os fasciculos recebidos ficou completo o 1.º volume d'esta importante obra, cuja publicação foi encetada por occasião da solemnidade do centenario do marquez de Pombal. Póde haver opiniões sobre a maneira como devia ter sido feita a vulgarisação dos thesouros archeologicos guardados no Archivo da Camara, que uns desejavam fosse por séries de documentos na integra, outros por um indice methodico e chronologico, o que se não póde negar é que o trabalho de que nos occupamos satisfaz quasi as duas opiniões: de muitos documentos dá-se a indicação, de outros dá-se um extracto com as principaes forças, e dos que se julgam mais importantes dá-se a copia. Não obstante conhecer-se já por alguns capitulos de côrtes e outros documentos já publicados a importancia dos municipios na constituição da nossa sociedade, esta importancia sóbe de ponto com relação ao primeiro municipio do paiz, cujos direitos, regalias, e privilegios eram importantissimos, interessando aos cidadãos que os gosavam. Pela obra do sr. Freire de Oliveira se vae pouco a pouco estudando a organisação d'esse importante corpo social, desde os tempos mais remotos, e se póde avaliar o papel que em muitos acontecimentos politicos notaveis da nação representou o municipio lisbonnense. O que desejáramos era que o auctor, além do indice dos capitulos ou secções em que dividiu a materia do volume, tivesse addicionado outro, ou outros onomasticos dos assumptos mais importantes, e de nomes de pessoas, etc., para maior facilidade e proficuidade de consulta. Não sabemos se effectivamente ha essa idéa, porque póde muito bem ser que isso constitua outro fasciculo, que ainda esteja por distribuir.

Bibliotheca do povo e das escolas... *David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas... Administração, 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa; Filial no Brazil, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro* — fasciculo n.º 106 — *Portugal prehistorico*, por J. Leite de Vasconcellos... obra illustrada com oito estampas. Quem seguiu no nosso 3.º volume, de pag. 167 em deante e pelo 4.º volume a exposição que ahi se fez dos trabalhos do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica, deve ter conhecido como Portugal tem concorrido para o desenvolvimento d'essa parte das sciencias, e n'este pequeno volume acha reunidos os elementos que hoje constituem a parte relativa ao nosso paiz no estudo dos tempos e habitantes, que precederam os periodos historicos mais remotamente conhecidos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.